

O ARCO-ÍRIS. DIÁLOGO SOBRE A FANTASIA [TRADUÇÃO]

Jander de Melo Marques Araújo (doutorando em Estudos de literatura pela UFF)

RESUMO

Este texto de 1915-1916 é um dos diálogos literário-filosóficos escritos por Walter Benjamin. Trata-se de uma conversa entre dois personagens sobre a natureza e a percepção da cor, com desdobramentos filosóficos e poéticos. Embora sua existência fosse confirmada por meio de cartas do autor a Ernst Schoen e Herbert Belmore, ele foi considerado perdido até 1977, ano em que Giorgio Agamben o encontrou, em Roma, entre os escritos de Walter Benjamin guardados por Herbert Belmore Blumenthal. Alguns anos depois, em 1982, o diálogo foi traduzido para o italiano e publicado num livro que reunia textos do autor escritos entre 1910 e 1918, cuja edição ficou a cargo de Agamben. Finalmente, em 1989, o original foi publicado, na Alemanha, no volume sete dos escritos reunidos de Walter Benjamin.

Palavras-chave: Cor. Arco-íris. Imagem. Arte fantasia.

ABSTRACT

This is Walter Benjamin's early writing on color called "The Rainbow: A Dialogue on Fantasy" and dated to 1915-1916. It was considered lost until 1977, although there were letters from Walter Benjamin to Ernst Schoen e Herbert Belmore confirming its composing. In 1977, Giorgio Agamben found it, in Rome, among Walter Benjamin's writings filed by Herbert Belmore Blumenthal. Later, in 1982, the dialogue was translated to Italian and published in a book edited by Agamben and whose texts dated to 1910-1918. Lastly, in 1989, the original was published, in Germany, in the seventh volume of Walter Benjamin's collected writings.

Keywords: Color. Rainbow. Image. Art. Fantasy.

O ARCO-ÍRIS

Diálogo sobre a fantasia¹

WALTER BENJAMIN

Dedicado a Grete Radt²

MARGARETHE: É cedo, temia incomodar você. Mas não posso esperar. Quero lhe contar um sonho antes que se desvaneça.

GEORG: Como fico feliz quando você vem de manhã – pois até então estava sozinho com meus quadros e não te esperava. Você andou na chuva, o que te refrescou. Agora conte.

MARGARETHE: Georg – vejo que não posso. Um sonho não se deixa dizer.

GEORG: Mas o que você sonhou? – Era belo ou assustador? Era uma vivência? Era comigo?

MARGARETHE: Não, nada disso. Era muito simples. Era uma paisagem. Mas ela ardia em cores; até então, nunca tinha visto tais cores. Tampouco os pintores as conheciam.

GEORG: Eram as cores da fantasia, Margarethe.

MARGARETHE: As cores da fantasia, isso mesmo. A paisagem cintilava nelas. Cada montanha, cada árvore, as folhas: elas tinham em si infinitas cores. E também infinitas paisagens. Como se a própria natureza se reanimasse em múltiplos seres natos.

GEORG: Conheço essas imagens da fantasia. Acredito que elas estão em mim quando pinto. Misturo as cores e não vejo nada senão cor. Quase diria: eu sou cor.

¹ Para esta tradução, utilizei as edições italiana (“L’arcobaleno”, *Metafisica della gioventù*: scritti 1910-1918. Torino: Einaudi, 1982. p. 151-158) e espanhola (“Diálogo sobre la fantasía”, *Materiales para un autorretrato*, Fondo de Cultura Económica); no entanto, ao longo do processo, o texto em português foi sendo cotejado com o original alemão, a partir da seguinte edição: “Der Regenbogen. Gespräch über die Phantasie”. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften VII-I*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991. p. 19-26.

² Namorada de Walter Benjamin à época da escrita deste diálogo.

MARGARETHE: Assim foi no sonho, eu não era nada senão olhar. Todos os outros sentidos foram esquecidos, desapareceram. Eu mesma não era nada, nem meu entendimento, que deduz as coisas das imagens dos sentidos. Não era aquela que olha, era apenas olhar. E o que via não eram coisas, Georg, apenas cores. E eu mesma era colorizada nessa paisagem.

GEORG: O que você descreve é como um inebriamento. Lembre-se do que lhe contei sobre esse raro e delicioso senso de embriaguez que conheci em tempos passados. Eu me sentia muito leve nessas horas. Sobretudo percebia o modo graças ao qual estava nas coisas: seus atributos, por meio dos quais eu as penetrava. Eu mesmo era atributo do mundo e pairava sobre ele. Este era preenchido por mim como cor.

MARGARETHE: Por que nunca encontrei nas imagens dos pintores as cores cintilantes, puras, as cores dos sonhos? Pois eis de onde surgem: da fantasia, a qual você compara com o inebriamento – a pura absorção no esquecimento de si, esta é a alma do artista. E a fantasia é a essência mais íntima da arte, nunca vi isso com tanta clareza.

GEORG: Se ela fosse a alma do artista, não seria por isso a essência da arte. A arte cria. E ela cria objetivamente, isto é, em relação com as formas puras da natureza. Pense bem – como tem feito comigo –: com as formas. A arte cria a partir de um cânone infinito, que funda infinitas formas de beleza. Formas que repousam todas na forma, na relação com a natureza.

MARGARETHE: Você quer dizer que a arte imita a natureza?

GEORG: Sabe que não penso assim. É verdade, o artista quer sempre apenas captar a natureza em seus fundamentos, quer absorvê-la puramente, conhecê-la formalmente. Mas, no cânone, repousam as formas profundas e criativas da concepção. Observe a pintura. Ela não parte da fantasia, da cor, mas do espiritual, do elemento criador da forma. Sua forma é captar o espaço vivente, construí-lo segundo um princípio; pois não se absorve o vivente senão com o ato gerador. O princípio é seu cânone. E, a cada vez que reflito sobre isso, me parece que esse princípio, para a pintura, seja a infinitude espacial – assim como, para a escultura, a dimensão espacial. A essência da pintura não é a cor, mas sim a superfície. Nesta, na profundidade, vive a infinitude do espaço. Na superfície, a essência das coisas se abre *para*³ o espaço, e não propriamente *no*⁴ espaço. E a cor é apenas a concentração da superfície, a

³ Grifo de Walter Benjamin.

⁴ Grifo de Walter Benjamin.

imaginação na sua infinitude. A própria cor pura é infinita, mas na pintura só aparece seu reflexo.

MARGARETHE: Em que se diferenciam as cores do pintor daquelas da fantasia? E a fantasia não é a fonte da cor?

GEORG: É, sim, por mais surpreendente que seja. Mas as cores do pintor são relativas frente à cor absoluta da fantasia. A cor pura só existe na intuição, só na intuição há o absoluto. A cor pictórica é apenas um reflexo da fantasia. Nela, a fantasia se transforma propriamente em ação, faz transições de luz e sombra, se empobrece. O fundamento espiritual da imagem é a superfície e, se realmente você aprendeu a ver, então veja bem: a superfície ilumina a cor, e não o contrário. A infinitude espacial é a forma da superfície, é o cânone, e dela provém a cor.

MARGARETHE: Você não seria tão paradoxal em dizer que a fantasia não tem nada a fazer com a arte. E, mesmo que o cânone da arte seja espiritual, força criadora da vitalidade – que evidentemente se refere apenas à natureza em infinitos modos possíveis –, é verdade, porém, que o artista também é capaz de conceber. A ele a simples beleza, a visão, a fortuna da contemplação pura se apresentam não menos, mas muito mais profundas do que a nós.

GEORG: Como você entende a manifestação da fantasia? Pensa esta como um modelo e a execução como cópia?

MARGARETHE: O artista criador não conhece nenhum modelo, tampouco algum na fantasia. Não penso num modelo, e sim numa *arqui-imagem*⁵. Aquela manifestação na qual nasce e persiste, que nunca a abandona e da qual brota a fantasia.

GEORG: A musa dá ao artista a *arqui-imagem* da criação. Você disse certo. – E que outra coisa é tal *arqui-imagem* senão o aval da verdade de sua criação, a garantia de uma mesma coisa com a unidade do espírito, da qual surge não menos do que a matemática, a escultura, a história, a linguagem. Que outra coisa a musa garante ao poeta com a *arqui-imagem* senão o cânone mesmo, a eterna verdade subjacente à arte. E esse inebriamento que, na mais alta claridade espiritual, flui por nossos nervos, o voraz inebriamento do ato de criar, é a consciência de criar no cânone, conforme a verdade que cumprimos. Na mão do poeta que escreve, na do artista que pinta, nos dedos do músico, no movimento de quem cria uma

⁵ No original, *Vorbild* [modelo] e *Urbild* [arqui-imagem].

imagem, no aceno singular, no total dissolver-se em gesto, aquele gesto que ele, o artista, divinamente inspirado contempla a si mesmo, com uma visão, a mão guiada pela musa – em tudo isso a fantasia domina como contemplação do cânone nas coisas e no que observa. Como unidade de ambos na perspectiva do cânone. Somente o poder da fantasia transforma o inebriamento do gozo que lhe contava no inebriamento do artista. E só quando este se empenha em fazer da arqui-imagem um modelo, quando quer se apoderar do espiritual sem lhe dar forma, contemplá-lo no informe, a obra se torna fantástica.

MARGARETHE: Mas, se a fantasia é o dom da concepção pura, não estendemos sua essência ao incomensurável? Pois, então, a fantasia está em cada movimento que se realiza, todo puro e absorto, como na intuição, na dança, no canto, no passo e na linguagem tanto quanto, como na pura visão da cor. E por que queremos divisar a fantasia principalmente na essência da cor?

GEORG: Certo que há em nós uma intuição pura do nosso movimento e de toda a nossa produção, e sobre ela repousa, como acredito, a fantasia do artista. Mas a cor segue sendo a expressão mais pura da essência da fantasia. Pois precisamente a ela não corresponde, no homem, capacidade criadora alguma. Não se recebe a linha com tanta pureza, porque podemos transformá-la na mente pelo movimento, e o som não é absoluto, porque temos o dom da voz. Eles não possuem a pura, intangível, a visível beleza da cor. – Vejo, de fato, que, com o rosto, surge uma determinada região do sentido humano que não corresponde a nenhuma capacidade criadora: percepção da cor, do olfato e do paladar. Veja como a língua designa isso de forma clara e nítida. O mesmo termo indica a propriedade dos objetos e a atividade dos sentidos: têm odor e sabor⁶. Mas de suas cores: elas aparecem. Mas jamais se diz assim para designar a forma pura nos objetos. Tem ideia da região secreta e profunda que se inicia aqui?

MARGARETHE: Por acaso não tive ideia antes de você, Georg? Mas quero destacar nitidamente a cor do misterioso reino dos sentidos. Pois, quanto mais fundo entramos nesse segundo domínio dos sentidos absorventes, a que não corresponde faculdade criadora alguma, mais graves se tornam seus objetos em termos substanciais, e menos os sentidos

⁶ No original, *sie riechen und schmecken*. Em alemão, em algumas expressões, *riechen* significa tanto “odor/cheiro” quanto “cheirar”; o mesmo caso de *schmecken*, “sabor/gosto” ou “saborear”.

podem sentir atributos puros. Com um sentido puro e isolado não se pode absorver um sentido por si mesmo, e sim um atributo de uma substância. Mas a cor surge no íntimo da fantasia, porque é apenas um atributo, não é em absoluto uma substância, nem se refere a uma. Assim se pode dizer que ela é um atributo, mas não tem atributo. Por isso, as cores se tornaram símbolos para os sem-fantasia. Na cor, o olho se volta ao espiritual, poupando ao artista o caminho através das formas da natureza. Permite aos sentidos, em sua absorção pura, se encontrarem diretamente com o espiritual, com a harmonia. Aquele que vê está todo na cor, olhar a cor significa afundar o olhar em olhos distantes, que o devoram: no olho da fantasia. As cores veem a si mesmas, nelas está o puro olhar e elas são seu objeto e órgão ao mesmo tempo. Nosso olho é colorizado. A cor se produz no olhar e coloriza o olhar puro.

GEORG: Você disse muito bem como na cor aparece a essência propriamente espiritual dos sentidos, a absorção; como a cor, enquanto algo espiritual, imediato, é a expressão pura da fantasia. Também só agora entendo o que quer dizer a língua quando fala da aparência das coisas. Ela remete justamente ao rosto da cor⁷. A cor é a expressão pura da contemplação do mundo, a superação daquele que vê. Através da fantasia, toca-se o olfato e o paladar, e assim os homens mais sensíveis podem desenvolver livremente a fantasia no âmbito inteiro de seus sentidos. Ao menos acredito que espíritos seletos geram, puramente e por si sós, fantasias do olfato, inclusive do paladar, assim como outros, aquelas fantasias da cor. Não se lembra de Baudelaire? Essas fantasias extremas chegam a se tornar uma garantia de inocência, pois só a fantasia pura, da qual jorram, não se vê profanada pelo ânimo e pelos símbolos.

MARGARETHE: Você chama inocência ao âmbito da fantasia no qual as sensações ainda vivem puras como atributos em si, imperturbáveis no espírito receptivo. Essa esfera da inocência não é a das crianças e dos artistas? Vejo agora claramente que ambos vivem no mundo da cor. Que a fantasia é o meio [Medium] pelo qual concebem e criam. Um poeta escreveu: “Se fosse matéria, me coloria”⁸.

GEORG: Criar concebendo é a consumação do artista. Essa concepção a partir da fantasia não é a concepção de um modelo, mas das próprias leis. Ela unificaria as próprias figurações do poeta no meio [Medium] da cor. Criar inteiramente da fantasia significaria ser divino.

⁷ Em alemão, os termos *Aussehen* [aparência] e *Gesicht* [rosto] estão ligados etimologicamente a *sehen* [ver].

⁸ No original, “*Wäre ich aus Stoff, ich würde mich färben*”. Versos do poeta Christian Friedrich Heine (1894-1914), amigo de Walter Benjamin. Suicidou-se com sua namorada no começo da Primeira Guerra Mundial.

Significaria criar inteiramente das leis, diretamente e livre da relação com elas pelas formas. Deus cria da emanção do ser, como dizem os neoplatônicos; e esse ser não seria senão a fantasia, de cuja essência emerge o cânone. Talvez o poeta reconheceu isso na cor.

MARGARETHE: Assim, só as crianças se demoram inteiramente na inocência e, ao se enrubescerem, retornam à existência da cor. Nelas, a fantasia é tão pura, que são tão capazes. – Mas, veja só, parou de chover. Um arco-íris.

GEORG: Um arco-íris. Observe-o; ele é apenas cor, nada nele é forma. E é o símbolo do cânone, assim como emerge divinamente da fantasia, pois nele o efeito da beleza é aquele da fantasia. Sua beleza é a própria lei, não mais transmutada em natureza, não mais em espaço, não mais bela pela igualdade, simetria e regras; não mais pelas formas derivadas do cânone, não, belo em si mesmo; na harmonia, pois é cânone e obra ao mesmo tempo.

MARGARETHE: E em todo o belo, no qual a ordem da beleza aparece como natureza, não regressa o arco-íris como símbolo?

GEORG: É assim mesmo. O cânone está na visão pura e aparece unicamente na cor. Pois, na cor, a natureza é espiritual e, em seu aspecto espiritual, a natureza é pura cor. Ela é realmente a arqui-imagem da arte enquanto existência na fantasia. A natureza vive intimamente nela como comunidade de todas as coisas que não criam nem são criadas. Na pura visão, a natureza concebe. A ela regressa toda a objetualidade da arte.

MARGARETHE: Poderia te dizer o quanto a cor me é familiar! Um mundo de lembranças está em torno de mim. Penso nas cores das crianças. Para elas, a cor é uma espécie de concepção pura, a expressão da fantasia. Demorar-se dentro da harmonia, sobre a natureza inocente. A colorida e monocromática, a bela, rara técnica de meus velhos livros ilustrados. Você não sabe como se esfumavam em todos eles os contornos num jogo arco-irizado, como céu e terra estavam delineados em faixas com cores transparentes! Como as cores aladas sempre flutuavam sobre as coisas, colorindo-as e devorando-as. Pense nos muitos jogos infantis que agem sobre a pura visão na fantasia! Bolhas de sabão, jogos de chá, a coloração da lanterna mágica, a aquarela, as decalcomanias. A cor estava sempre tão difusa, dissolvida, nuançada tão monotamente, sem transições de luzes e sombras. Às vezes lanosa como a lã colorida de tricô. Não há quantidades como nas cores da pintura. Não lhe parece que todo esse mundo da cor, a cor como meio [Medium], como ausência de espaço, seja representado

eximamente pela policromia? Uma infinitude dispersa, sem espaço, de absorção pura, assim estava formado o mundo artístico da criança. Sua única extensão era a altura. – A própria percepção das crianças está dispersa na cor. Elas não deduzem. Sua fantasia está intocada.

GEORG: E tudo o que você fala são apenas vários lados de uma mesma cor da fantasia. Ela não tem transições, mas atua em diferentes nuances, é úmida, esfuma as coisas na coloração de seu contorno, um meio [Medium], atributo puro sem substância, colorida mas monocromática, um preenchimento de cor do *único*⁹ infinito pela fantasia. Ela é a cor da natureza, da montanha, das árvores, dos rios e vales, mas sobretudo das flores e borboletas, dos mares e das nuvens. Pela cor, as nuvens da fantasia estão muito próximas. E, para mim, o arco-íris é a manifestação mais pura dessa cor, que espiritualiza e anima a natureza, reconduz sua origem à fantasia e a faz arqui-imagem da arte no silêncio contemplativo. A religião translada, por fim, seu reino sagrado às nuvens e sua bem-aventurança ao paraíso. Matthias Grünewald¹⁰ pintou a auréola do anjo sobre o seu altar com a cor do arco-íris, a fim de que, pelas formas sagradas, a alma irradie como fantasia.

MARGARETHE: A fantasia também é a alma do mundo onírico. O sonho é a absorção pura do fenômeno em sentido puro. Comecei a falar do sonho; agora poderia ainda menos lhe contar o meu sonho, pois você mesmo viu a essência dele.

GEORG: Na fantasia está o fundamento de toda beleza, que se manifesta a nós somente na recepção pura. É belo, é mesmo da própria essência da beleza que não podemos receber o belo de outra maneira, e apenas na beleza o artista vive e submerge na arqui-imagem. Quanto mais fundo a beleza penetra numa obra, mais profundamente ela é recebida. Toda criação é imperfeita; toda criação é não-bela. Vamos silenciar.

[1915-1916]

⁹ Grifo de Walter Benjamin.

¹⁰ Matthias Grünewald (c. 1480-1528), pintor alemão de temática religiosa.